



## Interação pai e filho: conflitos e diálogos

### *Father-Son Interaction: Conflicts and Dialogues*

Dionei Mathias

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul / Brasil  
dioneimathias@gmail.com

**Resumo:** Este artigo analisa o conflito entre pai e filho no romance *Heimatroman oder Wie mein Vater ein Deutscher wurde*, do escritor alemão Nicol Ljubic, publicado em 2006. Durante uma viagem com seu pai para refazer o caminho da imigração até a Alemanha, o narrador procura compreender seu relacionamento com o pai. Neste trabalho, essa reflexão é discutida em três aspectos: 1) a percepção do corpo paterno e a memória afetiva; 2) as diferenças geracionais e de valores e, por fim, 3) as diferenças culturais no processo de socialização. Os três pontos representam potenciais de conflitos que a voz narrativa procura resolver.

**Palavras-chave:** Nicol Ljubic; literatura alemã; conflito pai e filho.

**Abstract:** This article aims to analyse the father-son conflict in the novel *Heimatroman oder Wie mein Vater ein Deutscher wurde*, written by the German writer Nicol Ljubic and published in 2006. During a trip with his father to revisit the immigration route to Germany, the narrator attempts to understand his relationship with his father. This article discussed such reflection around three aspects: (1) the perception of his father's body and the affective memory, (2) generational and value differences and, lastly, (3) the cultural differences in their socialization process. All three points represent potential conflicts, which the narrator tries to solve.

**Keywords:** Nicol Ljubic; German literature; father-son conflict.

## Introdução

Na interação entre pai e filho, situações conflituosas não são raras. A literatura de expressão alemã nos oferece vários exemplos, dentre os mais famosos *Os Bandoleiros* e *Don Carlos* de Friedrich Schiller, *Os Buddenbrooks* de Thomas Mann, *Der Sohn* de Walter Hansenclever e, sobretudo, a *Carta ao pai* de Franz Kafka. O romance *Heimatroman oder Wie mein Vater ein Deutscher wurde* (sem tradução para o português e traduzido livremente aqui como ‘Romance regional ou como meu pai se tornou alemão’) de Nicol Ljubic, publicado em 2006, se inscreve nessa tradição, mencionando a figura paterna no título e colocando-a não somente aí numa posição de destaque.

Ao contrário dos outros exemplos citados, o romance de Ljubic não contém o potencial de violência e silenciamento presente nos outros textos, mas, como em todos os outros, a figura paterna, suas convicções e seu modo de agir têm um impacto substancial sobre a existência do filho. Com efeito, Ljubic confronta seu leitor com uma nova configuração de pai e filho, introduzindo na literatura uma constelação há muito existente na sociedade alemã, isto é, o pai imigrante. Filho de pai croata, o autor, condecorado com vários prêmios literários alemães, se embrenha numa tentativa de reconstruir no universo diegético a história de imigração traçada pelo pai.

Este, ainda muito jovem, deixa a Croácia, passando pela Itália e pela França, até chegar na Alemanha no início da década de 1970, uma década marcada pela chegada de um número expressivo de imigrantes durante o boom econômico na Alemanha Ocidental. A história do pai croata e suas façanhas até alcançar o êxito profissional e financeiro, provavelmente, representa a trajetória de muitos outros imigrantes turcos, portugueses, gregos, espanhóis ou daqueles oriundos da antiga Iugoslávia. Nesse sentido, Ljubic se junta às vozes daqueles que procuram introduzir o outro estrangeiro no imaginário nacional alemão, mas descrevendo, nesse romance, não os episódios de exclusão, questionamento e de dificuldades de integração, mas sim uma história de sucesso. Com isso, há uma confluência de duas constelações socialmente bastante exigentes: a relação entre pai e filho, por um lado, e a relação do pai imigrante estrangeiro e o filho socializado, com valores, normas e tradições do novo contexto cultural e sociopolítico.

O relacionamento entre pai e filho(s) representa um objeto de estudo que desperta o interesse de estudiosos de várias áreas, especialmente da Psicanálise, mas também dos Estudos Literários, dada sua importância na dinâmica de interação familiar. É quase impossível falar da figura paterna sem levar em conta o papel da mãe, especialmente porque o relacionamento com esta parece ser muito mais próximo, diante da unidade corporal do próprio processo de gestação. Com isso, o corpo como superfície de comunicação tem um papel central para o diálogo entre pais e filhos. Para Geißler,<sup>1</sup> o fracasso de uma ressonância positiva do corpo paterno tem consequências sérias para o processo de socialização dos filhos.

Entendo essa ressonância positiva como conjunto de sentidos corporalmente comunicados ao corpo do filho, sem simbolização ou tradução linguística, cujo teor afirma o ímpeto existencial dessa criança e reforça seu pertencimento a um contexto de proteção e amor. Grande parte desse conjunto de sentidos provavelmente é transmitido por meio de afetos, mas também através de movimentos do corpo. Nisso, pai e mãe se diferenciam substancialmente, dada a constituição física de cada um,<sup>2</sup> criando lógicas e formas de diálogos com suas linguagens próprias. Essas linguagens específicas, por sua vez, estão até certo ponto determinadas por fatores culturais que preveem modos de comunicação a partir do princípio dos gêneros e seus papéis sociais, mas também pela própria constituição especificamente física do emissor desses sentidos. Esta obviamente vai se alterando ao longo da vida. Isto é, o modo como uma criança enxerga o pai na primeira infância, na adolescência ou na fase adulta, quando os pais possivelmente já se encontram numa idade avançada, vai mudando. Em consonância com o vigor corporal ou com a alteração desse corpo ao longo da vida, também os sentidos vão tomando outras colorações afetivas para os filhos, o que produz memórias e percepções que reagem ao corpo do interlocutor.

Ao longo de um relacionamento entre pai e filho, surgem, portanto, experiências e memórias corporais, que Plattner chama de

---

<sup>1</sup> GEISLER. *Hinführung*, p. 151.

<sup>2</sup> AIGNER. *Der Vater-Körper – oder: Ist da jemand? Assoziationen zum Vaterkörper*, p. 154.

“memória corporal”<sup>3</sup> (*Leibgedächtnis*). Esses sentidos corporalmente armazenados ou percebidos podem não ser assimilados ou estar registrados linguisticamente, o que demanda do indivíduo que deseja recuperar essas informações, com o objetivo de tornar conscientes focos de dor ou de conflito, um trabalho de leitura atenta do corpo.<sup>4</sup> Com isso, o processo de rememoração ou reflexão sobre dinâmicas de percepção parece passar pela recuperação de experiências afetivas e corporais com pessoas significantes no processo de socialização.

Ao lado do corpo e do afeto como plataformas para a expressão de conflitos, a questão geracional também se revela como importante. Nesse contexto, a história de socialização com seus capitais cultural, social e econômico<sup>5</sup> tem um papel importante, pois as oportunidades recebidas ao longo desse processo inicial de compreensão e apropriação das linguagens que predominam num determinado espaço social vão definir em certa medida os valores que compõem a visão de mundo do indivíduo. São esses valores que, por sua vez, vão definir as prioridades na administração do capital econômico, no posicionamento na cartografia cultural e nas formas de interação social. A diferença geracional já por si parece representar um fator que catalisa a produção de diferenças, pois, no melhor dos casos, a geração dos pais tende a utilizar seus avanços de conhecimento nas esferas econômica, cultural e social para estender as chances da geração dos filhos. Com isso, o processo de socialização da nova geração acontece a partir de outras premissas, tendo como referência os conhecimentos dos pais, mas também o progresso de chances da sociedade, na qual interagem.

Um terceiro elemento é a diferença cultural, a qual pode ter um impacto no relacionamento entre pais e filhos, quando o pai ou a mãe pertencem a um círculo cultural diferente do grupo hegemônico, trazendo consigo modalidades de pensamento, ação, comportamento, comunicação ou organização emocional diferentes daquelas que predominam no novo espaço social. Dependendo do grau de assimilação, a diferença pode ser

---

<sup>3</sup> PLATTNER. *Berührung in der Psychoanalyse. Eine Übersicht über die Grundlagen und Erkenntnisse der analytischen Körperpsychotherapie*, p. 183.

<sup>4</sup> HOFER-MOSER. *Die Bedeutung von korrigierenden Beziehungserfahrungen. Körperbezogenes Arbeiten als eine oft notwendige Voraussetzung für die Entwicklung dieser therapeutischen Beziehung*, p. 52.

<sup>5</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre. *Ökonomisches Kapital, kulturelles Kapital, soziales Kapital*.

maior ou menor, colocando os filhos numa situação socialmente mais complexa e exigindo deles a habilidade de diferenciar entre essas duas linguagens específicas, a fim de evitar conflitos ou exclusões. Para os dois lados, surge a necessidade de fazer compromissos – ou não – entre as duas linguagens e, em algum momento, de se posicionar e encontrar um lugar próprio entre as duas culturas que regem sua apropriação e interpretação de realidade.

Com base nesses três elementos, este artigo pretende discutir o relacionamento entre pai e filho, levando em consideração: 1) a percepção do corpo paterno e a memória afetiva; 2) as diferenças geracionais e de valores e, por fim, 3) as diferenças culturais no processo de socialização. Nisso, o foco sempre recai sobre o modo como esses dois atores sociais administram o conflito que surge do choque de visões de mundo diferentes e na produção de conhecimentos pessoais importantes para suas concretizações existenciais.

### **A percepção do corpo paterno e fluxos afetivos**

A história do imigrante croata, um dos protagonistas e pai da voz narrativa, é uma história de sucesso. Ao contrário dos inúmeros obstáculos encontrados por imigrantes em suas tentativas de se estabelecer numa das grandes economias europeias, o pai pode olhar o passado e contar uma história de acolhimento tanto na Itália, na França como na Alemanha. Neste último país, passa numa seleção de mecânicos da Lufthansa como único estrangeiro, sem falar alemão. Praticamente ao final dessa trajetória de extremo êxito, contrai uma doença por uma picada de inseto, durante uma estada no exterior a trabalho, o que o força a uma aposentadoria antecipada. Esse é o momento no qual o filho, já adulto, pai de família e profissionalmente também exitoso, o convida para refazer o trajeto de imigração. Essa volta ao passado acaba se transformando também em viagem de descoberta, especialmente para o filho, que procura compreender a história de vida do pai imigrante.

O enredo começa com a rememoração por parte de um primo da voz narrativa, já na Croácia, lembrando da personagem do pai ainda jovem, quando este trabalhava no aeroporto de Zagreb. O elemento que predomina nessa rememoração é, sobretudo, a força física, o que motiva a alcunha de Grizzly, por ser grande como um urso. A percepção dessa juventude marcada por uma constituição física que causa a admiração daqueles que

o rodeiam e se lembram de seu passado serve de parâmetro com o qual o filho se mede. Essa medição muitas vezes acontece inconscientemente ou se concretiza de forma indireta. Assim, reiteradamente a voz narrativa pergunta a seu pai sobre a sensação de medo:

É verdade. Sempre lhe pergunto por seu medo, como se o medo fosse o único sentimento que pode se ter durante uma fuga. Por que será que sempre fico perguntando isso? Na esperança de que ele pudesse admitir alguma fraqueza? É isso que procuro? Por um sinal de fraqueza no Grizzly? O que mudaria se eu soubesse ele tivera medo, se ele o dissesse?<sup>6</sup>

O começo da citação indica uma tomada de consciência que vai aumentando seu grau de reflexividade ao longo da passagem. O interesse sobre a sensação de medo já tinha surgido algumas vezes no horizonte da voz narrativa. Com isso, a reiteração da pergunta parece implicar um sentido maior que o puro interesse pelas paisagens emocionais do pai. Por um lado, o narrador parece não conseguir imaginar a ausência dessa sensação, o que o motiva a repetir seu questionamento, a fim de convencer-se dessa interpretação de realidade, que não é confirmada pelo pai. Por outro lado, essa ausência do medo o intimida, já que o coloca diante de um homem que apresenta uma constituição emocional completamente diferente, estabelecendo uma hierarquia que o deixa em desvantagem.

O adjunto adverbial *immer* e especialmente a partícula modal *mal* constroem uma dimensão temporal que não se restringe àquele momento. No lugar do acontecimento pontual, o narrador está abordando um aspecto denso de seu arquivo emocional que perpassa sua própria história, com sua concatenação de experiência físico-afetivas. Esse elemento não está registrado por meio de símbolos linguísticos; no lugar disso, há rastros de sensações corporais e marcas de constelações afetivas, frutos da gênese de sentidos na confluência pai e filho. No processo de revisão

<sup>6</sup> “Es stimmt. Immer frage ich ihn nach seiner Angst, als sei Angst das einzige Gefühl, das man auf einer Flucht haben darf. Warum nur frage ich immer? In der Hoffnung, er könnte mal eine Schwäche eingestehen? Ist es das, wonach ich suche? Nach einem Anzeichen von Schwäche beim Grizzly? Was würde es ändern, wenn ich wüßte, daß er Angst hatte, wenn er es sagen würde?” (LJUBIC. *Heimatroman oder Wie mein Vater ein Deutscher wurde*. p. 138, tradução minha).

dos registros físico-emocionais – uma revisão não sistemática, mas sim associativa e esporádica, desencadeada possivelmente por constelações afetivas que permitem, pelo princípio da semelhança ou analogia, reatar inconscientemente com experiências do passado – a imagem do urso, inserida já no espaço semanticamente destacado do início do romance – predomina.

O urso, com suas conotações de superioridade física e destemor, pode oferecer segurança e proteção, portanto sensações quase maternas de *holding* e *containing*, mas no lugar da sensação do relaxamento de mecanismos de defesa, estes parecem estar excessivamente armados, com o objetivo de neutralizar perigos. Nesse sentido, a força físico-emocional da figura paterna não desperta somente admiração, ela também é responsável por inquietação, possivelmente também pela inspiração de medo no filho. Com base nessas sensações difusamente apreendidas, o filho parece buscar fraquezas no pai, de modo a poder suportar o resultado da comparação entre os dois e assim administrar aquilo que o inquieta.

Com isso, o interesse pelo passado do pai não se limita somente a um desejo de compreender a história de vida deste, ele está motivado também por um anseio de autocompreensão e revisão de disposições físico-afetivas. Por trás da pergunta inocente, há um conflito que a voz narrativa identifica, ao constatar seu interesse reiterado pelo medo inexistente do pai. Contudo, o modo como o narrador se aproxima desse foco de dor não se concretiza por meio de animosidade ou mesmo agressividade. Ele procura o diálogo, a fim de compreender a história do pai e aquilo que constitui sua própria dinâmica afetiva.

Em oposição à superioridade física que caracteriza toda a primeira fase de sua existência, a fase que segue à debilitação de saúde conjura uma outra configuração físico-emocional, que tem um impacto semelhante sobre o narrador. Assim, o início da viagem que retrata o caminho de imigração já está marcado pela doença do pai, confrontando o filho, agora sim, com a fraqueza do pai:

Ontem à noite, ele já adormeceu pouco antes das oito, a viagem o cansa, uma viagem dessas até meia-noite, aí no próximo dia mais centenas de quilômetros no carro, os passeios, a irregularidade do desenrolar do dia, tudo isso o cansa, não é de admirar, ele tem 64 anos e está debilitado, mas parece que eu não quero aceitar isso. Ele não diz nada e eu não percebo nada. De tal forma eu internalizei a imagem

do pai que arranca árvores, que eu tenho dificuldades de vê-lo de outra forma. Até mesmo a tontura eu já reprimi. Às vezes eu até mesmo penso que ele poderia se ele quisesse, mas por que eu deveria saber melhor que ele?<sup>7</sup>

Se na primeira parte a força física parece intimidá-lo por representar uma ameaça, na segunda, a fraqueza o intimida por confrontá-lo com a necessidade de rever sua imagem paterna, indiretamente também com a finitude da vida. A primeira parte da passagem explicita que o filho precisa atualizar sua forma de dialogar com o corpo paterno e adaptar suas atitudes. Num posicionamento narrativo temporal posterior, a voz narrativa processa racionalmente as implicações da fraqueza no pai e consegue refletir sobre os meandros afetivos no processo de percepção do corpo. No presente diegético, contudo, ela se esquivava ou se mostra incapaz de assimilar essas informações. O eixo físico-afetivo de produção de sentidos segue outros caminhos e escolhe – inconscientemente – bloquear os sentidos que constroem a imagem de um pai fragilizado.

A repressão desse conhecimento talvez esteja atrelada a um conflito em volta da distribuição de papéis e suas responsabilidades. Se até aquele momento o papel de protetor era desempenhado pelo pai, no presente diegético o filho se vê confrontado com a necessidade de abandonar seu papel de receptor da proteção para assumir a responsabilidade do pai. Para evitar essa transição dolorosa, o filho reprime o processamento da imagem de fraqueza e utiliza o ataque como mecanismo de defesa, quando imputa ao pai a falta de vontade para recobrar sua força física, atribuindo a culpa a ele. Ele ameniza essa acusação ao indicar que ele não poderia saber melhor, mas possivelmente serve somente para reforçar o bloqueio na produção de sentidos indesejados. Com isso, a percepção do corpo paterno, antes de ser processada racional e conscientemente, passa

---

<sup>7</sup> “Gestern abend war er schon kurz vor acht eingeschlafen, die Reise erschöpft ihn, so eine Fahrt bis Mitternacht, dann am nächsten Tag wieder Hunderte Kilometer im Auto, die Spaziergänge, die Unregelmäßigkeit des Tagesablaufs, das alles schafft ihn, es ist nicht erstaunlich, er ist vierundsechzig und angeschlagen, nur ich scheine das nicht wahrhaben zu wollen. Er sagt nichts, und ich merke nichts. So sehr habe ich dieses Bild vom bäumeausreißenden Vater in mir, daß es mir schwerfällt, ihn anders wahrzunehmen. Selbst den Schwächeanfall habe ich schon verdrängt. Ich denke manchmal sogar, er könnte, wenn er nur wollte, aber warum sollte ich es besser wissen als er?” (LJUBIC. *Heimatroman oder Wie mein Vater ein Deutscher wurde*, p. 160, tradução minha).



por um processo de assimilação físico-emocional que, nesse caso, não segue em linha reta, mas sim por meandros a fim de evitar o conflito. A constituição afetiva, portanto, parece ter um papel central para a produção de conhecimentos sobre o pai.

### **Diferenças geracionais e de valores**

Um segundo elemento que forma um eixo de interação entre pai e filho são as diferenças geracionais e de valores. A história de socialização do pai difere completamente daquela do filho, já que os capitais econômico, social e cultural foram outros, criando um crivo de apropriação de realidade pautada por outras prioridades e perspectivas. Assim, a forma como ambos, por exemplo, concebem a masculinidade e suas responsabilidades apresenta diferenças substanciais:

Quando ele ainda me perguntava, muitas vezes, se eu era macho ou mulherzinha, ao olhar para o meu rosto amedrontado, porque ele queria tirar um estilhaço do meu pé, com faca e pinça, ao colocar um detector de corrente elétrica na minha mão e ver minha hesitação. Macho ou mulherzinha, essa era a pergunta. Ainda hoje ele acha estranho quando vem de visita e eu faço salada, cozinho ou tiro a mesa. Meu filho se tornou uma verdadeira dona de casa, diz então. Que além disso eu ainda pertença à geração dos que urinam sentados eu não lhe contei.<sup>8</sup>

Essas memórias voltam num momento em que a voz narrativa claramente enxerga a idade avançada e a debilitação do pai. Parece que o retorno associativo da memória, naquele momento, ocorre com base no reconhecimento da semelhança na fraqueza, agora com posições

---

<sup>8</sup> “Als er mich noch oft gefragt hat, ob ich Mann oder Memme sei, wenn er in mein ängstliches Gesicht blickte, weil er mir mit Messer und Pinzette einen Splitter aus dem Fuß operieren wollte, wenn er mir einen Stromprüfer in die Hand drückte und mein Zögern sah. Mann oder Memme, das war die Frage. Noch heute mutet es ihn seltsam an, wenn er zu Besuch ist und ich Salat mache, Essen koche und den Tisch abräume. Mein Sohn ist eine richtige Hausfrau geworden, sagt er dann. Daß ich darüber hinaus zur Generation der Sitzpinkler gehöre, habe ich ihm verschwiegen” (LJUBIC. *Heimatroman oder Wie mein Vater ein Deutscher wurde*, p. 105, tradução minha).

inversas, sugerindo a presença de um conflito não somente no choque de diferentes visões de mundo, mas também de disposições afetivas.

Já muito cedo, portanto, o pai utiliza estratégias linguísticas para sugerir ao filho quais valores e imagens devem compor sua identidade de gênero. Com a expressão “Mann oder Memme”, ele não está somente tentando amenizar a dor do filho no momento da retirada de estilhaços. O teor de desprezo implícito na utilização da palavra *Memme* indica ao filho, nesse momento de exercício da identidade de gênero, que homem não sente dor, não chora e deve ser competente em questões técnicas. A ausência dessas habilidades suscita uma disposição afetiva no pai, que nega respeito e amor ao filho. Com isso, o pai traça afetivamente uma cartografia de valores, isto é, ele colora com valorações as diversas formas de concretizar a vida e, neste caso em especial, a condição de homem.

Com efeito, o pai ensina ao filho as falas e as ações esperadas para o desempenho do papel de gênero masculino. Nisso, certamente reverberam expectativas cultural e socialmente articuladas originárias tanto do espaço inicial de socialização, como também do espaço posterior de estabelecimento no país de acolhimento, mas, antes de mais nada, é a concepção de masculinidade como compreendida pelo pai que está em jogo aqui. Desse modo, ele também impõe as condições para que o filho esteja à altura de seu amor, negando e concedendo-o na medida que este vai fazendo avanços na interpretação cotidiana desse papel. Assim, os afetos se transformam em moeda de troca, utilizada para garantir comportamentos desejados.

O potencial de conflito fica claro quando, na sequência da passagem, fica explícito o quanto o filho se afastou desse papel previsto pelo pai. Mesmo na idade adulta, o filho ainda é confrontado com tentativas de monitoração e disciplinamento por parte do pai. Como na infância, é o tom jocoso, por trás do qual se esconde uma ideologia de comportamento, que o pai tenta impor, instrumentalizando a economia de afetos. Ao chamá-lo de “dona de casa”, ele está tentando indicar ao filho que este não desempenha seu papel de gênero em conformidade com a sua norma.

Apesar do desprezo como instrumento de coerção, o filho executa tarefas que, na visão paterna, são tipicamente femininas. Com isso, o filho traça uma clara linha de distanciamento, indicando que são outros os valores que guiam suas ações. O grau de tensão e o potencial de conflito não passam despercebidos pela voz narrativa, já que não deixa

de identificar o desconforto que seu comportamento causa no pai. Desse modo, cada repetição dessas tarefas supostamente com especificidade de gênero, diante do pai, representa um posicionamento, num processo ainda não terminado de negociação do conflito. Sua acuidade fica ainda mais explícita com a última frase da passagem, na qual a voz narrativa indica não ter revelado ao pai um comportamento que é ainda mais incompatível com a administração das genitálias e dos modos de encenar a masculinidade na visão de mundo paterna.

Ao lado dessas diferenças na compreensão do papel de gênero, também há divergências em outros setores da concretização existencial, no processo de atribuição de valores. Na passagem a seguir, a voz narrativa procura entender a atitude do pai frente à administração de recursos econômicos:

Por que eu sempre me irrita quando meu pai come a última migalha da mesa? Deve ser neurótica, essa incapacidade de aceitar que os tempos mudaram, que ele não precisa mais raspar o bolor do pão – e simplesmente aproveitar esse fato, se dizer: justamente por ter passado tempos difíceis, vou aproveitar agora. Afinal de contas, eu mereço. Mas esse jeito está muito arraigado nele. Quando saímos para comer, nunca se ouve na volta, que comida gostosa, mas sim: por esse dinheiro foi uma porção decente.<sup>9</sup>

Também nesse contexto as informações são assimiladas primeiramente no plano afetivo. A voz narrativa observa seus movimentos emocionais e procura refazer o caminho dessa dinâmica, a fim de compreender sua irritação. O que desperta esse estado é um comportamento paterno que, na visão do filho, já não tem legitimação. Assim, o hábito de juntar restos ou ingerir alimentos que numa sociedade de afluência já teriam sido depositados no lixo o confronta com um modo

---

<sup>9</sup> “Warum ärgere ich mich, wenn mein Vater den letzten Krümel vom Tisch isst? Es ist wohl das Zwanghafte, diese Unfähigkeit zu akzeptieren, daß sich die Zeiten geändert haben, daß er es nicht mehr nötig hat, den Schimmel vom Brot zu kratzen – und diese Tatsache einfach zu genießen, sich zu sagen: Gerade weil ich schlechte Zeiten erlebt habe, lasse ich es mir jetzt gutgehen. Schließlich habe ich es mir verdient. Die Prägung sitzt aber viel zu tief. Wenn wir mal essen gehen, dann heißt es hinterher nicht, das hat aber gut geschmeckt, sondern: Für das Geld war das aber eine reelle Portion” (LJUBIC. *Heimatroman oder Wie mein Vater ein Deutscher wurde*, p. 104, tradução minha).

de interação que lhe causa estranhamento, já que foi socializado no marco da abundância. A partir dessa socialização economicamente privilegiada, um comportamento que apresenta resquícios desse passado e suas restrições, o confronta com questões de pertencimento, identificação ou mesmo culpa que ele prefere obliterar.

Ao mesmo tempo, os valores adotados para a interpretação dos acontecimentos e para a concretização existencial diferem. O pai, embora se encontre numa situação financeira segura, que certamente lhe permitiria luxos e dispêndios maiores, opta por manter os hábitos adquiridos em tempos de insegurança. A consciência sobre as dificuldades enfrentadas para estar naquela posição não o deixam fazer gastos desnecessários. O filho, por sua vez, não tem – nem pode ter – essas experiências de estresse emocional, diante das incertezas financeiras. Isso, de certo modo, o pré-dispõe a um comportamento menos preocupado com questões financeiras e mais voltado aos luxos que o dinheiro pode proporcionar. Pai e filho, portanto, conferem valores diferentes ao modo de administrar o dinheiro e essa diferença está atrelada, antes de mais nada, a experiências geracionais.

### **Diferenças culturais no processo de socialização**

O último aspecto a ser discutido aqui são as diferenças culturais no processo de socialização. O pai deixa a Croácia no início da idade adulta, o filho, por sua vez, cresce em vários países diferentes, por conta do trabalho do pai, mas sua educação se orienta por parâmetros culturais alemães, o que é reforçado pela escolha de escolas cujo currículo esteja voltado para aquele país e também pela origem alemã da mãe. Como no processo de percepção do corpo e da diferença geracional de valores, também neste contexto a alteridade não chega a produzir uma constelação animosa ou mesmo um distanciamento. Mais uma vez, a voz narrativa procura entender os meandros afetivos e tenta encontrar explicações para a diferença em suas visões de mundo:

Pela primeira vez me pergunto se por trás de minha desconfiança crônica se esconde mais do que a batalha entre o coelho e o urso: será que é um estranhamento cultural? Esse jeito detalhista, essa suspeita, esse jeito correto, como se sua história tivesse que ser aprovada num exame jurídico – é o elemento alemão em mim?

Em Zagreb, no círculo de seus irmãos e primos, ninguém fez esse tipo de pergunta, eles prestaram atenção, eles o deixaram contar, e certamente perceberam que sua história mudou no decorrer dos anos. Eu fui o único a olhá-lo ceticamente [...].<sup>10</sup>

O que desencadeia o processo de reflexão é a identificação de uma constelação emocional, marcada pela desconfiança. O retorno e a intensidade dessa constelação, de certo modo, forçam o filho a tornar esse aspecto consciente, a fim de permitir uma análise das motivações. Essa análise primeiramente identifica a medida de forças entre pai e filho como possível causa da desconfiança. Nisso, a desvantagem na balança de capital físico é compensada por meio de uma estratégia de embate discursivo, isto é, inconscientemente o filho tenta resolver a desvantagem desacreditando aquilo que o pai narra e, por consequência, também aquilo a que ele atribui sentido.

Somente num segundo momento, o filho volta seu olhar para a diferença cultural, sem, contudo, descartar o conflito inerente à diferença de forças em seu relacionamento. A partir dessa perspectiva, ele começa a refletir sobre seu próprio comportamento e o modo como os parentes croatas reagem diante daquilo que o pai tenta manter como enredo identitário. Nesse estágio de sua reflexão, a diferença se condensa em dois aspectos: primeiramente, na forma como o pai administra sua história pessoal e, em seguida, no modo como os parentes a decodificam e administram sua recepção.

Nesse processo de condensação da diferença, o filho adota uma compreensão da cultura como essência, isto é, ele parece acreditar na fixidez e na delimitação de uma cultura alemã e uma cultura croata, ao assumir que todo um povo possa representar um determinado

---

<sup>10</sup> “Zum ersten Mal stelle ich mir die Frage, ob hinter meinem chronischen Mißtrauen mehr steckt als der Kampf des Hasen gegen den Grizzly: ist es womöglich eine kulturelle Entfremdung? Dieses Penible, dieser Argwohn, dieses Korrekte, als müßte seine Geschichte einer juristischen Prüfung standhalten – ist das das Deutsche in mir? In Zagreb, im Kreise seiner Geschwister und Cousins, hat niemand solche Fragen gestellt, sie haben zugehört, sie haben ihn erzählen lassen und bestimmt gemerkt, daß sich seine Geschichte im Laufe der Jahre verändert hat. Ich war der einzige der ihn skeptisch ansah [...]” (LJUBIC. *Heimatroman oder Wie mein Vater ein Deutscher wurde*, p. 184, tradução minha).

comportamento. Moslund<sup>11</sup> não é o único a argumentar que teoricamente não é possível pensar uma cultura como essência sólida e pura, mas é justamente esse o crivo adotado pelo filho nesse momento de concretização existencial. Nessa versão monolítica da essência alemã, a administração da história pessoal segue o rigor policial de uma versão comprovável em cada um de seus elementos. Contradições, diferenças, rupturas são indesejáveis e devem ser estritamente evitadas, sob o risco de incorrer num questionamento moral. A não observância desses preceitos narrativos pode implicar em suspeita e, conseqüentemente, também em perda de credibilidade (moral), o que justamente acontece nessa interação entre pai e filho. Com isso, surge um conflito nos princípios que cada um deles adota para administração de sua história pessoal e para sua encenação no processo de negociação social.

A recepção dessas sequências narrativas parece igualmente estar influenciada por parâmetros culturais. Enquanto o filho permanece cético diante das alterações e contradições dos episódios narrados, a família croata, portanto, os receptores em questão, adotam outro princípio de decodificação. Para eles, a veracidade juridicamente comprovável não parece ser o elemento que determina a produção de sentidos nesse núcleo social ou que orienta o modo como agir diante do narrado. No lugar disso, o princípio da solidariedade e da manutenção da malha afetiva parecem ter uma importância maior. Diante desse objetivo que vai muito além da imposição autoritária de exatidão, a identificação e a verbalização de contradições não representam somente uma falta de tato, mas sim uma ruptura com regras básicas de convivência social.

Também aqui o filho ameniza seu posicionamento ao evitar interpretações radicais e polarizadoras, mas seu ceticismo permanece, por mais que ele exercite o saudável princípio da autodesconfiança. Ele intui, mas sua reflexão ainda não alcançou um grau de maturidade que lhe permita identificar que a diferença não reside no pertencimento a um determinado círculo, mas sim nas atitudes adotadas na interação social. Com a condensação da percepção de diferença, talvez o que esteja no centro não seja realmente a diferença, mas sim o potencial de conflito que borbulha no encontro dos respectivos interlocutores.

Um outro elemento que se condensa como diferença cultural talvez seja a cultura afetiva. Certamente é questionável se a simbolização e

---

<sup>11</sup> MOSLUND. *Migration Literature and Hybridity*, p. 35.

expressão de afetos faz parte de um programa cultural – Hansen (2003)<sup>12</sup> defende que sim, que a expressão de afetos, em parte, também é fruto de uma socialização cultural – ou se não é fruto de determinantes biológicas, de gênero ou geracionais que formam a personalidade. Aqui, em consonância com os pressupostos teóricos de Hansen, se assume que afetos também resultam de categorias culturais, com as quais o indivíduo aprende a sentir, a simbolizar e a expressar determinados conteúdos afetivos.

Em uma das memórias do filho, este narra o comportamento do pai num restaurante, onde de forma muito extrovertida dá livre expressão a seu bom humor. Seu estado efusivo o impele a ignorar os diversos muros sociais e incluir os outros na sua esfera afetiva, sem levar em consideração as práticas de comunicação que predominam naquele espaço. Nisso, as sanções sociais que vigoram nessas situações – como a exclusão do espaço social – só não ocorrem porque ele desfruta do carinho do proprietário. Para o filho, contudo, esse modo de comunicação afetiva causa desconforto: “Eu também, muitas vezes, tinha dificuldades de lidar com sua extroversão”,<sup>13</sup> o que produz um conflito na forma como pai e filho articulam seus afetos nas diferentes coordenadas de interação social.

Contudo, sempre há por parte do filho uma tentativa de compreender o universo paterno e de relativizar o próprio posicionamento. Assim, o narrador reflete sobre a gênese de sentimentos e seu lugar na existência individual:

Mas talvez, e sobre isso nunca parei para pensar antes, talvez seja preciso estar em condições de ter sentimentos como uma casa ou um carro. Talvez sentimentos sejam seres da segurança financeira (Wohlstandswesen) que em tempos de pobreza não tem vez, porque medo, alegria, tristeza distraem da luta pela sobrevivência, e pessoas que cresceram na pobreza talvez a vida toda tenham a impressão de que estariam perdendo o controle se deixassem os sentimentos com rédeas soltas.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> HANSEN. *Kultur und Kulturwissenschaften*.

<sup>13</sup> “Auch mir fiel es schwer, mit seiner Extrovertiertheit umzugehen” (LJUBIC. *Heimatroman oder Wie mein Vater ein Deutscher wurde*, p. 178, tradução minha).

<sup>14</sup> “Vielleicht aber, und darüber habe ich mir zuvor noch nie Gedanken gemacht, vielleicht muß man sich auch Gefühle leisten können wie ein Haus oder ein Auto. Vielleicht sind Gefühle Wohlstandswesen, die in Zeiten der Armut keinen Platz haben, weil Angst, Freude und Trauer vom Lebenskampf ablenken, und Menschen, die in

O resultado dessa reflexão levanta a hipótese de que os sentimentos sejam um produto de um contexto social, caracterizado pela afluência e pela segurança social. Com essa base de estabilidade existencial assegurada, é possível que medre uma cultura afetiva mais voltada para a percepção e para o exercício de afetos. Por outro lado, indivíduos cuja socialização foi marcada pela penúria apresentariam uma pré-disposição menos desenvolvida para cultivar afetos. Com isso, os recursos econômicos, nesse raciocínio, parecem ter um impacto sobre a forma como tessituras culturais voltadas para os afetos são entrelaçadas, explicando a diferença entre pai e filho na administração daquilo que sentem. Embora a radicalidade dessa hipótese seja questionável, até certo ponto ela certamente contribui para explicar as diferentes configurações na cultura de afetos e o surgimento de conflitos, em decorrência justamente das diferentes visões de mundo atreladas a essas culturas. De certo modo, ao narrar a história do pai, o filho procura compreender essa alteridade cultural, buscando retrair motivações e causalidades. Nisso, no lugar da ruptura, surge o diálogo.

### Considerações finais

Ao contrário dos outros exemplos de conflitos entre pai e filho, citados na introdução deste artigo, o relacionamento analisado neste contexto não está marcado por interações repressoras, agressivas ou violentas. O filho não sofre a repressão de um Don Carlos, não é forçado a fazer o que não deseja para satisfazer as ambições sociais do pai, como na família Buddenbrook, e tampouco cresce num ambiente opressivo, como delineado na *Carta ao pai*. Diante desses exemplos, o relacionamento no romance de Ljubic é quase harmônico. O conflito existe e ele se concretiza no modo como o filho percebe o corpo paterno, nas diferenças geracionais de valores, especialmente, quanto ao papel de gênero e suas novas modalidades de encenação social, e também nas diferenças culturais, cuja alteridade desencadeia estranhamento no filho.

O filho e narrador menciona explicitamente a *Carta ao pai*: “No fim das contas, eu não faço outra coisa, também esta história é uma carta

---

Armut aufgewachsen sind, behalten zeitlebens den Eindruck, sie ließen sich gehen, wenn sie Gefühle ihren Lauf lassen” (LJUBIC. *Heimatroman oder Wie mein Vater ein Deutscher wurde*, p. 75, tradução minha).



ao pai”<sup>15</sup>. O que os dois textos têm em comum é a constatação – por parte da voz narrativa – da dificuldade de conversar diretamente com o pai. A solução encontrada pelo narrador do romance de Ljubic é a viagem para retrair o caminho de imigração. Seu interesse, contudo, não é primordialmente entender a história do imigrante croata, mas sim uma aproximação à instância paterna, com a finalidade de compreender seu universo afetivo. No lugar da ruptura ou do acerto de contas, o filho vai em busca da compreensão da alteridade paterna.

## Referências

AIGNER, Josef Christian. Der Vater-Körper – oder: Ist da jemand? Assoziationen zum Vaterkörper. In: GEISSLER, Peter (Ed.). *Körperbilder*. Sammelband zum 3. Wiener Symposium, “Psychoanalyse & Körper”. Gießen: Psychosozial-Verlag, 2003, . p. 153-165.

BOURDIEU, Pierre. Ökonomisches Kapital, kulturelles Kapital, soziales Kapital. In: KRECKEL, Reinhard (Ed.). *Soziale Ungleichheiten*. Göttingen: Otto Schwartz, 1983. p. 183-198.

GEISSLER, Peter. Hinführung. In: GEISSLER, Peter \_\_\_\_\_ (Ed.). *Körperbilder*. Sammelband zum 3. Wiener Symposium “Psychoanalyse & Körper”. Gießen: Psychosozial-Verlag, 2003. p. 151-152.

HANSEN, Klaus P. *Kultur und Kulturwissenschaften*. Tübingen/Basel: UTB, 2003.

HOFER-MOSER, Otto. Die Bedeutung von korrigierenden Beziehungserfahrungen. Körperbezogenes Arbeiten als eine oft notwendige Voraussetzung für die Entwicklung dieser therapeutischen Beziehung. In: GEISSLER, Peter (Ed.). *Analytische Körperpsychotherapie in der Praxis*. München: Pfeiffer, 1998. p. 37-68.

LJUBIC, Nicol. *Heimatroman oder Wie mein Vater ein Deutscher wurde*. München: Deutsche Verlags-Anstalt, 2006.

---

<sup>15</sup> “Letzlich tue ich nichts anderes, auch diese Geschichte ist ein Brief an den Vater” (LJUBIC. *Heimatroman oder Wie mein Vater ein Deutscher wurde*, p. 179, tradução minha).

MOSLUND, Sten Pultz. *Migration Literature and Hybridity. The Different Speeds of Transcultural Change*. New York, Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.

PLATTNER, Nicole. Berührung in der Psychoanalyse. Eine Übersicht über die Grundlagen und Erkenntnisse der analytischen Körperpsychotherapie. In: GEISLER, Peter (Ed.). *Körperbilder*. Sammelband zum 3. Wiener Symposium "Psychoanalyse & Körper". Gießen: Psychosozial-Verlag, 2003. p. 181-188.

Recebido em: 12 de janeiro de 2018.

Aprovado em: 10 de maio de 2018.